

CRONISTAS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS CONSTRUÇÕES CULTURAIS

Flávia Ribeiro de Sousa¹

Orientadora: Dra. Janaína Guimarães²

Resumo: Ao analisarmos os diversos relatos sobre a América portuguesa e as possessões portuguesas na Ásia percebemos notável semelhança nesses registros. Essas semelhanças não se deram por acaso, mas fazem parte da ideia de mundo do europeu da época. Nesse artigo comentaremos sobre cronistas portugueses que escreveram sobre essas localidades, percebendo em seus relatos influências da religião, costumes, enfim, de toda cultura europeia.

Palavras - chave: América Portuguesa, Ásia, cronistas.

.....

O “descobrimento” da América foi um dos maiores encontros culturais da História. Momento de total espanto entre duas culturas e de auto afirmação dos europeus como superiores aos demais povos. Época de exacerbada religiosidade, tudo que divergisse dos costumes e doutrinas católicas era tido como diabólico. O europeu de forma consciente e/ou inconsciente em seus relatos descrevia os habitantes dessas sociedades como incivilizados, cruéis, sem religião; sempre julgando-os através costumes dos seus costumes. “O relato de viagem não traz em si uma descrição de lugares exóticos ou costumes estranhos, mas a fusão entre dois mundos [...]”. (SILVA, 2003, p.56).

Os séculos XV e XVI foram marcados por diversos **encontros** de culturas díspares. Esses momentos ficaram registrados por comerciantes, burocratas, representantes da Igreja, estudiosos, viajantes, criando conceitos que inferiorizavam os índios e suas práticas culturais, que estão carregados do imaginário do período,

¹Graduanda em Licenciatura Plena em História Pela Universidade de Pernambuco- Campus Petrolina

² Professora assistente da Universidade de Pernambuco- Campus Petrolina.

[...] uma vez que um sujeito não é responsável pelos sentidos dos discursos que profere, sendo ele próprio apenas uma parte constitutiva do processo de produção desses sentidos, cada discurso de cada cronista era não o fruto de um conjunto de opiniões e visões particulares, mas uma partícula de um imaginário maior que abarcava o próprio autor. (ORLANDI, 1990 Apud VANDERLEI, 2003, p. 191)

Esse estranhamento não ocorreu apenas na América, mas em outras partes que sofreram a colonização europeia. Nesse artigo exporemos nosso estudo sobre as crônicas de Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão sobre a América portuguesa e Gaspar Correa na Ásia. Esses cronistas estiveram nessas áreas de colonização entre os anos de 1537-1630. O que nos interessa é perceber como a formação cultural dos mesmos influenciavam nas suas narrativas, pois o imaginário é algo que deve ser tratado historicamente, uma vez que é uma construção social.

Para isso usaremos do método da História Comparada através do qual buscamos compreender as semelhanças e diferenças nos escritos dos cronistas portugueses acerca das terras recém-ocupadas e seus habitantes. Essa metodologia compreende o estudo de dois ou mais recortes espaciais e/ou temporais distintos explorando semelhanças e diferenças, observando as possíveis ações comuns sofridas pelas sociedades investigadas.

Os escritos cronísticos muitas vezes nos parecem simples descrições de lugares, pessoas, hábitos, rituais, Porém estão repletos de ideias pré-concebidas. A História comparada enriquece nosso estudo, pois nos dá a possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico sociais distintas, no nosso caso as sociedades são América portuguesa e a Ásia, e o problema: a colonização pela empresa lusitana.

IMAGINÁRIO EUROPEU DA ÉPOCA DAS CONQUISTAS

Não podemos fazer uma análise historiográfica de um escrito sem antes investigarmos o meio social e cultural do seu autor. Uma vez que, a pesquisa histórica “está submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade.” (CERTAU, 1982, p. 66). Para apreendermos o lugar social dos cronistas estudados, primeiro precisamos compreender o imaginário do europeu do momento de transição

entre a idade média e moderna, pois esses homens mesmo estando em uma época dita “moderna” ainda carregavam legados do pensamento medieval, sendo algumas dessas características: a sua devoção, o temor à igreja; o fato de serem supersticiosos e pessimistas em relação à vida.

O início da idade moderna foi marcado por forte religiosidade, os viajantes consideravam que as descobertas de novas terras eram os propósitos de Deus, a prova disso é que um dos maiores anseios daquele que recebeu o título de “descobridor” da América, Colombo, era expandir o cristianismo.

A ideia de que era a vontade de Deus que os viajantes encontrassem outras terras, e conseqüentemente, novos povos para evangelizar ainda continuou presente. Para os lusitanos Deus haveria determinado que eles “descobrissem terras para colonizá-las, cristianizando-as; mais uma vez; a ideia de um ‘reino de Deus por Portugal’.” (SOUZA, 1986, p. 35).

O surgimento de um Novo Mundo para os europeus trouxe várias inquietações em seus pensamentos a cerca da cultura daquele lugar, incitando assim, a criação de estereótipos sobre o local e seus habitantes. Nesse contexto, os cronistas exerceram papel imprescindível na formação dessas representações, contribuindo para que se formassem conceitos e preconceitos sobre o “outro”, que nesse caso eram os aborígenes.

Os relatos de viagens, por seu caráter eminentemente etnocêntrico já atado, fundam uma antropologia ou geografia condizente com o olhar do europeu conquistador convencido de sua superioridade, em que o outro (as populações das terras descobertas) é facilmente identificado como um europeu incompleto (em que algo falha ou falta) ou um espelho invertido dele. (SILVA, 2003. p. 58).

CONTEXTOS E RELATOS DO CRONISTAS PORTUGUESES

Gabriel Soares de Sousa foi um colonizador dono de engenho, comerciante, sertanista, nasceu em Lisboa, conhecido por ter escrito *Tratado descritivo do Brasil*, que abrangia importantes dados geográficos, botânicos, etnográficos e linguísticos. Podemos notar com a leitura do seu testamento que era um homem bastante religioso, pois deixou a maior parte dos seus bens para ordens religiosas. Sua obra foi escrita durante os 17

anos que esteve na América portuguesa, publicada pela primeira vez em 1587, e nos mostra bastante do pensamento da época.

Gabriel Soares se ocupa em passar uma imagem bastante selvagem desses povos. Diz que são as criaturas mais bárbaras que existe, “tem uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quais não adoram nenhuma coisa, nem tem nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver” (SOUSA, 2000, p. 302).

Percebe-se nesse trecho que o cronista está comparando os aspectos culturais dos aborígenes aos do europeu, já que sabemos que os índios tinham suas práticas religiosas, suas crenças, o que mostra que o “conhecimento” ao qual se refere é o da cultura europeia. Além disso, tratar os ameríndios como povos sem fé, sem conhecimento é extremamente apropriado para justificar a ação colonizadora e doutrinadora realizada pelos portugueses.

No capítulo *Em que se declara o comque se os tupinambás se fazem bizarros*, Gabriel Soares utilizou vários aspectos do imaginário europeu ao dizer que:

Para se os tupinambás fazerem bizarros usam de muitas bestialidades mui estranhas, como é fazerem depois de homens três e quatro buracos nos beijos de baixo, onde metem pedras, com grandes pontas para fora; e outros furar os beijos de cima, também como os de baixo[...] parecem os demônios; os quais sofrem estas dores por parecerem temerosos a seus contrários (SOUSA, 2000, p.307).

Mais uma vez se associam aspectos da cultura indígena ao demônio, sendo que este tinha lugar de destaque na cultura europeia, e que o mesmo não acontecia entre os autóctones, que o desconheciam. Alguns cronistas diziam que o demônio tinha perdido o lugar na Europa já cristianizada e que tinha se instalado na América. “Cumpria corrigir o corpo do Brasil□, afastar as populações do demônio e aproxima-las de cristo” (SOUZA, 1986, p. 71).

Eram considerados luxuriosos também, por praticarem o incesto, algo que feria a moral cristã. “Este gentio tão luxurioso que poucas vezes têm respeito às irmãs e tias, e porque este pecado é contra seus costumes, dormem com elas pelos matos, e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas têm muitas” (SOUSA, 2000, p.308).

Essas práticas culturais, vistas sob o olhar europeu, faziam com que os cronistas associassem os indígenas a animais, com impulsos carnis fortes, sem sequer ter noção do que estavam a fazer. Com isso a América portuguesa era apresentada como o verdadeiro lugar do pecado, onde não se sabe nem mesmo se a fé seria capaz de combatê-lo. Soares de Sousa, ao discorrer sobre os rituais que os tupinambá praticavam com os inimigos mortos nas guerras, diz que são carniceiros e extremamente cruéis, e sobre isso tenta chocar seus leitores: [...] uma índia tupinambá [...] levando um filho de um ano às costas, que ia chorando, do qual se enfadou a mãe de maneira que lhe fez uma cova com um pau no chão, e o enterrou vivo (SOUSA, 1986, p. 332).

Ambrósio Fernandes Brandão foi um cristão-novo, nascido em Portugal, viveu no Brasil entre os anos 1583 e 1618, foi senhor de três engenhos na Paraíba. Chegou a morar em Pernambuco, onde era responsável pelo recebimento dos dízimos do açúcar daquela capitania. Foi um conhecedor profundo do litoral brasileiro, o que colaborou para a elaboração dos Diálogos das grandezas do Brasil, livro no qual ele descreve em detalhes a beleza, os recursos naturais, a riqueza, a flora e fauna do Brasil, a vida social na América portuguesa. Brandão enxergava na colônia lusa grandes possibilidades, julgando-a mais rica que todas as Índias Orientais. Seus diálogos seguem uma linha edenizadora, o que é totalmente natural, pois ele tinha interesses econômicos para o desenvolvimento da colônia.

Nos seus relatos Brandão via as relações matrimoniais dos nativos como luxuriosas, pois poderiam se unir a várias mulheres. Diferentemente da Europa, que tinha suas relações matrimoniais estabelecidas pelos conceitos da religião cristã, onde só se poderia ter um casamento monogâmico.

E é de saber se tomam mais de uma mulher [...] podem tomar três e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado, que a isso se tem principalmente respeito, e a ser homem que possa bem sustentar as mulheres, que toma à sua conta para esse efeito (BRANDÃO, 1968, p. 220).

Brandão (1968, p. 238) continua a passar essa imagem de crueldade indígena destacando a debilidade do sentimento maternal entre o grupo e mostrando que não respeitam a família

[...] são também alguns deles sumamente cruéis [...] vindo de um assalto, que fora dar a certa aldeia de inimigos com outros muitos, trazer seis crianças, que não chegava a maior a ter ano perfeito de idade, dependuradas em um pau, que levava às costas, como galinhas, a metade da parte de diante e a outra de trás; e que, depois de caminhar assim com elas por grande espaço, as pusera sobre uma pedra, donde com uma faca lhes foi quebrando a cada uma das crianças a cabeça a golpes pequenos, que nelas lhe dava, para que assim lhes ficasse sendo maior o tormento, sem demonstrar nenhum rasto de piedade aos gemidos e choros das pobres crianças.

Relatos dessa característica convêm para apontar a “desumanidade” nos índios, e isto servia de base para enfatizar a selvageria a que tanto queriam provar, permitindo assim o ato colonizador.

Outro cronista analisado aqui é Gaspar Correia, um português que participou das armadas de conquista das Índias orientais, foi quando escreveu uma das obras mais importantes que tratam desse período, *Lendas das Índias*. Nessa obra ele relatou os primeiros cinquenta e três anos a contar da data da chegada dos lusos. Trabalho que emergiu do grande período em que o autor passou nessas localidades.

Assim como os lusitanos que escreveram sobre a América portuguesa, Gaspar também via as expedições como a mais pura vontade de Deus, pois era um homem bastante religioso. Nas primeiras páginas do seu livro ele diz “que fosse cada um por onde Deus lhe desse vontade, e trabalhassem muito por saberem da Índia” (CORREIA, 197, p. 5)³. Ao escrever ao rei ele afirma: “que tudo Deus quererá trazer a vosso poder” (p.10).

Correia não se ocupa em fazer muitas descrições sobre os habitantes das sociedades em que ele chegava, uma vez que seu livro é um relato de viagem, onde ele vai falar sobre as dificuldades das navegações, e principalmente das riquezas que encontravam. Porém ainda encontramos em algumas partes descrições que mostram o sistema de valores no qual ele estava inserido. Não usa tantos termos pejorativos como os demais cronistas já analisados aqui, porém descreve com certa estranheza o modo que vivem os homens que encontrou no *Rio da Misericórdia*.

Nelas homens baços, que num eram muito pretos, que andarão nus, somente cobertas suas vergonhas com folhas de árvores [...]; os quais vendo o batel se vierão a ele, e entrarão bestialmente, e estavam como espantados. (CORREIA, 1975, p. 29)

³ Todas as citações de Gaspar Correia foram escritas no português atual para facilitar a compreensão.

Algo comum nos relatos de Gaspar era dizer que não podiam confiar nos habitantes dos lugares que eles conquistavam, pois eram traiçoeiros, gente má. Chega chamá-los de gentios, e inumeras vezes repete que só cobrem suas “vergonhas”. E diz que os portugueses eram os verdadeiros conhecedores da verdade.

Outra parte do seu relato que se assemelha aos demais cronistas lusitanos que escreveram sobre a América portuguesa, é fato de está todos os momentos comparando traços das culturas dos habitantes dessas sociedades ao modo de vida europeu. Gaspar descreve um rapaz que

[...] ia nu, encaixado com seus panos outro de seda de cores [...] e olheirinhas d'ouro roliças enfiadas nas orelhas, em que na, os tinha grandes buracos; o cabelo preto corredio comprido como de mulher, atado com nó dado dos mesmos cabelos: homem de dezesseis anos, bom gosto, preto e delicado, e muito bem disposto, e descalço; [...] o qual chegando ao meio da casa, juntou os pés, [...] e juntou as mãos ambas em adoração [...] El rei muito folgou de lhe ouvir [...] mas as cortesias das mãos, como adoração, parecia erro porque se não deveria fazer senão a Deus [...]. (CORREIA, 1975, p. 231).

Nesse trecho nós percebemos, pelo menos, três aspectos principais que dizem respeito a cultura do outro, a riqueza e a religião. A descrição sobre os “buracos”, o fato dele ir nu mesmo não sendo uma crítica, já deixa perceber uma evidência de aversão, principalmente quando ele fala sobre os cabelos compridos, julgando ser coisa de mulher. Ressaltar o uso de ouro e sedas também era fundamental naquele momento, pois estavam em busca de riquezas nas índias. E a importância da religião fica claro ao julgar um ato cometido pelo Mouro ser errado, pois deveria reverenciar somente a Deus. Ainda falando sobre o mesmo rapaz El Rei diz que: “vivendo assim com tanta honra, e que mais teria sendo cristão”. (CORREIA, 1975, p. 232).

As obras de Sousa e Brandão expuseram questões em comum a cerca dos costumes dos nativos, tratando-os como: demônios, luxuriosos, cruéis, bizarros, fracos de ânimo, sem conhecimento, comedores de carne humana; Correia os chamou de traiçoeiros, gentios, maus e sem conhecimento da verdade. Conceitos esses que adentram as características de um ser bárbaro, que segundo o dicionário Bluteau (1789).

As descrições a cerca do que eles chamavam de gentios, passam por vários âmbitos de sua sociedade, sejam as relações familiares, suas praticas religiosas, suas

vestimentas, seus hábitos de guerra, sua alimentação. Enquanto a natureza era relatada de forma esplendorosa, pois “estava elevada à esfera divina, mais uma vez reiterava a presença de Deus no Universo” (SILVA, 2003, p. 35), as pessoas que nela habitavam eram apresentadas de forma selvagem, pois era a maneira que se justificaria a sua colonização e cristianização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Império Ultramarino Português surgiu como uma grande diversidade de culturas. Essas conquistas não se incorporavam ao conceito de civilidade que imperava na Europa moderna, e especialmente em Portugal. Pois a civilização para eles era o modelo o que deveria ser repassado para os demais povos pagãos, que segundo relatavam, não possuíam nenhuma verdade e viviam à obscuridade da barbárie, selvageria, idolatria. Essas culturas diversas foram descritas pelos lusos de forma que as inferiorizava- principalmente na América portuguesa - e comparado segundo a visão dos conquistadores, na qual a base essencial para o julgamento das demais culturas era a cristã-europeia.

Os relatos dos cronistas portugueses formam uma amostra significativa do contexto em que se deu a conquista de terras americanas e asiáticas. O imaginário desta época foi representado nas imagens construídas sobre os habitantes e suas práticas em toda a extensão do Império Ultramarino, e isso é facilmente encontrado em termos-chaves e comuns que caracterizam todo o estranhamento e depreciação ao que não é da cultura portuguesa, como: gentil, bárbaros, desconhecedor da verdade, etc. Termos como estes, produtos do imaginário, foram utilizados por cronistas na América Portuguesa e nas Índias orientais. As principais diferenças que encontramos nos textos desses cronistas se deram devido ao momento da escrita, no caso de Gaspar foi no momento das conquistas, já Gabriel e Ambrósio no momento da colonização. O que explicou o fato de Correia apoiar-se muito nas riquezas encontradas, o que também acontece com os cronistas na América portuguesa, porém sedem boa parte dos relatos para descreverem as práticas culturais dos índios. Mas, deixando de lado os números,

nas poucas vezes que Gaspar fala sobre os povos que habitavam nas Índias mostra as mesmas características presentes nos relatos dos outros cronistas.

O Império Ultramarino estava interligado pela cultura portuguesa. Mesmo em continentes diferentes as culturas presentes na América portuguesa e na Ásia são descritas de forma semelhante, pois o que esses cronistas registam não é o real, mas representações européias do real. As semelhanças desde um termo depreciativo, a uma catequização, eram permeados pelos preceitos da religião Católica e dos costumes europeus em geral.

BIBLIOGRAFIA

BLUTEAU, D. Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva. Tomo I. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. Diálogos das grandezas do Brasil. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1968.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CORREIA, Gaspar. **Lendas da Índia** (introdução e revisão de M. Lopes de Almeida). Porto: 1975.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Recife: Massangana, 2000.

SOUZA, L. de M. e. **Riquezas de impiedades**: a sina da colônia. In: _____. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.p. 21-85.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **Viajantes**. In:_____. As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Lery, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: UNESP, 2003. p. 51-95.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Terra à Vista - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. São Paulo/Campinas: cortez/ed. Unicamp. 1990. P. 28-29. APUD: VANDERLEI, Kalina. **“Nas Solidões Vastas e Assustadoras” - Os pobres do açúcar e a conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII**. Recife: universidade federal de Pernambuco, 2003. p. 191.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.